

A Confissão Milenarista de Calvino

Gary North

Tradução: Felipe Sabino de Araújo Neto¹

Dr. Godfrey refere-se ao “amilenismo sóbrio de Calvino.”² Sóbrio, sim; amilenista, não. Se Calvino era algo, ele era um pós-milenista, e se o dr. Godfrey e a faculdade de Westminster afirmam outra coisa, eles precisam provar o seu caso. Eles não deveriam assumir algo que precisam provar, mas Godfrey faz isso nessa questão. Ele não cita nenhum livro sobre o assunto que confirme a sua tese, nem sequer menciona o ensaio de Bahnsen sobre o assunto.³ Ele simplesmente emite um comentário gratuito, como se fosse Moisés descendo do Sinai. Isso é típico do livro todo: ele não interage com o corpo da literatura teonomista, o qual esperaríamos ser refutado por um simpósio crítico de 400 páginas.⁴

Escrevi no capítulo 2 que os escritos de Calvino revelam um dualismo com respeito às suas visões sobre a lei civil e as sanções de Deus na história. Encontramos traços do mesmo dualismo irritante nas discussões de Calvino sobre o futuro da Igreja e do Cristianismo. Digo “traços”, pois na extensão em que Calvino expôs qualquer visão consistentemente desenvolvida do futuro do Cristianismo, ela era otimista. Mas algumas vezes ele adotou uma linguagem que leva seus seguidores amilenistas a concluir que a visão deles sobre o futuro do Cristianismo era a de Calvino também.

O Pessimismo de Calvino

Um exemplo desse pessimismo está em sua discussão de salvação e paz, duas bênçãos prometidas aos crentes em Cristo. O que está implícito nessa promessa?

Por conseguinte, essas coisas estão conectadas, salvação e paz, não que desfrutemos desse estado de alegria e paz no mundo; pois se engana grandemente quem sonha ter esse estado de quietude aqui,

¹ E-mail para contato: felipe@monergismo.com. Traduzido em setembro/2008.

² W. Robert Godfrey, “Calvin and Theonomy,” *Theonomy: A Reformed Critique*, p. 312.

³ Greg L. Bahnsen, “The *Prima Facie* Acceptability of Postmillennialism,” *Journal of Christian Reconstruction*, III (Winter 1976-77), pp. 69-76.

http://www.monergismo.com/textos/pos_milenismo/Calvino-posmilenismo_Bahnsen.pdf

⁴ William S. Barker and Robert W. Godfrey (eds.), *Theonomy: A Reformed Critique* (Grand Rapids, Michigan: Zondervan Academic, 1990), p. 240.

visto que temos que nos engajar numa batalha perpétua, até que Deus mais tarde nos reúna à fruição de um descanso bendito. Devemos, portanto, contender e lutar nesse mundo. Assim, o fiel sempre será exposto a muitos problemas; e dessa forma, Cristo lembra aos seus discípulos, “em mim tereis paz; mas no mundo” – o que? Aflições e tribulações.⁵

Todavia, aflições e tribulações pessoais não negam a possibilidade da expansão e vitória do reino na história. Por exemplo, todos nós reconhecemos que os inventores têm muitos problemas e frustrações; isso não nega a possibilidade do progresso tecnológico. E o que dizer sobre o progresso espiritual pessoal? Ele não é apenas possível; é obrigatório, Calvino ensinou.⁶ “Ninguém vagueará tão desafortunadamente que não avance cada dia ao menos um pouco de caminho. Portanto, não cessemos de progredir no caminho do Senhor, avançando incessantemente, não nos desesperando ante a insignificância de êxito alcançado...”.⁷

A questão, então, é o *crescimento composto da justiça*. Ele pode alcançar o crescimento composto da iniquidade na história? Os violadores do pacto sobrepujarão os guardadores do pacto na história? O fermento do reino de Satanás substituirá o fermento do reino de Deus na história? Não. Esse é o motivo de Cristo dizer para que oremos: “venha o teu reino”. Calvino escreveu em suas *Institutas*: “Do quê transparece que não é de balde que se nos preceitua o esforço de progresso diário, porquanto nunca as coisas humanas procedem tão bem que, dissipadas e purgadas a sordidez dos vícios, a integridade floresça e viceje plenamente.”⁸ Mas o que dizer dos ímpios? Nesse ponto, Calvino não tinha dúvidas.

Mas aos seus Deus protege, com o auxílio de seu Espírito, os dirige à retidão e os firma à perseverança; frustra, porém, as ímpias conspirações dos inimigos, dissipa seus ardis e embustes, se opõe à sua malignidade, reprime a obstinação, até que, por fim, dê cabo do Anticristo com o Espírito de sua boca e destrua toda impiedade com a esplendor de sua vinda.⁹

⁵ Calvin, *Commentaries an the Book of the Prophet Jeremiah and the Lamentations* (Grand Rapids, Michigan: Baker Book House, [1563] 1979), IV, p. 255; Jer. 33:16.

⁶ John Calvin, *Institutes of the Christian Religion* (1559), translated by Ford Lewis Battles (Philadelphia: Westminster Press, 1960), III:XX:42.

⁷ *Ibid.*, III:VI:5.

⁸ *Ibid.*, III:XX:42.

⁹ *Idem.*

O Reino de Deus

Calvino via o reino de Deus como avançando ao longo da história. “Repetindo, à medida que o *reino* de Deus está continuamente crescendo e avançando até os confins do mundo, devemos orar todos os dias para ele *possa chegar*: pois na extensão em que a iniquidade abundar no mundo, em tal extensão *o reino de Deus*, que traz consigo a perfeita justiça, ainda não *chegou*.”¹⁰ Essa é uma passagem importante, pois mostra que Calvino via os dois reinos como mutuamente exclusivos: à medida que um avança, o outro recua. Eles não podem avançar ao mesmo tempo. Assim, qualquer discussão do avanço do *reino* exclusivamente *eclesiástico* de Deus, em paralelo ao avanço do *reino* externo e *cultural* de Satanás – um tema básico do amilenismo¹¹ – seria inaceitável para Calvino. A guerra entre os dois reinos é externa e contínua. Ele deixa isso bem claro em seu comentário sobre o Salmo 21:8:

... pois não teria sido suficiente para o reino ter florescido internamente, ser saturado de paz, riquezas e abundância de todas as coisas mais excelentes, não tivesse ele também se fortificado contra os ataques dos inimigos estrangeiros. Isso se aplica particularmente ao reino de Cristo, que jamais subsistirá sem inimigos neste mundo.¹²

Bahnsen cita a exposição de Calvino sobre 2 Tessalonicenses 2:8. Referindo-se à rebelião final do Anticristo, Calvino escreveu: “... o Anticristo seria totalmente e em todos os aspectos destruído, quando chegar aquele dia final da restauração de todas as coisas. Paulo, contudo, notifica que Cristo, nesse ínterim, pelos raios que ele emitirá anteriormente ao seu advento, dissipará as trevas nas quais o Anticristo reinará, assim como o sol, antes de ser visto por nós, expulsa as trevas da noite derramando seus raios. Portanto, esta vitória da palavra se exibirá neste mundo...”¹³

Calvino citou a profecia de Miquéias que um dia os homens teriam suas espadas transformadas em pás, suas lanças em foices. Ele admitia que ainda haveriam guerras. As palavras do Profeta ainda não tinham sido cumpridas. Calvino disse que, “aquilo que o Profeta diz aqui não aconteceu até o momento; mas visto que o número dos fiéis é pequeno, e a maior parte desprezar e rejeitar o Evangelho, daí o fato de roubos e hostilidades continuar

¹⁰ Calvin, *Commentary on a Harmony of the Evangelists: Matthew, Mark and Luke* (Grand Rapids, Michigan: Baker Book House, [1555] 1979), I, p. 320: Matt. 6:10.

¹¹ Gary North, *Millennialism and Social Theory* (Tyler, Texas: Institute for Christian Economics, 1990), pp. 82-84.

¹² Calvin, *Commentary on the Book of Psalms* (Grand Rapids, Michigan: Baker Book House, [1563] 1979), I, p. 350.

¹³ Calvin, *Commentaries on the Epistles of Paul the Apostle to the Philippians, Colossians, and Thessalonians* (Grand Rapids, Michigan: Baker Book House, [1548] 1979), p. 335. Bahnsen, “Prima Facie,” p. 70.

no mundo. Como assim? Porque o Profeta fala aqui somente dos discípulos de Cristo. Ele mostra o fruto de sua doutrina, que onde quer que encontre uma raiz viva, ela produz fruto: mas a doutrina do Evangelho dificilmente encontra uma raiz a cada cem pessoas.” Assim, para haver um cumprimento universal dessa profecia, deve ocorrer uma grande multiplicação dos discípulos de Cristo. Isso *irá* acontecer no futuro. “Parece que o Profeta não descreve aqui o estado da igreja por um tempo, mas mostra o que seria o reino de Cristo no final.”¹⁴

Um Dia de Começos Pequenos

Essa e muitas outras passagens revelam o pós-milenismo de Calvino. Até aqui tudo bem. Mas em seus comentários sobre a profecia paralela em Isaías 2:4, seu pessimismo se introduz. Essa condição de pás virá somente quando “o poder real de Cristo for reconhecido... Mas visto que ainda estamos bem distantes da perfeição desse reino pacífico, devemos sempre pensar em fazer progresso; e é tolice excessiva não considerar que o reino de Cristo aqui é somente o começo.” Isso ainda é compatível com o pós-milenismo: um longo prazo. Mas então ele adicionou: “O cumprimento dessa profecia, portanto, em sua plena extensão, não deve ser esperado sobre a Terra.” Em sua plena extensão, sim; mas o que dizer sobre algo intermediário? Ele não diz. Calvino terminou seus comentários assim: “Isso é suficiente, se nós experimentamos o começo, e se, estando reconciliados com Deus por meio de Cristo, cultivamos a mútua fraternidade, e nos abtemos de causar dano ao próximo.”¹⁵

Se o “nós” aqui significa aqueles vivendo em seus dias, então não há nada necessariamente amilenista implícito nessa passagem. Mas ao focar a atenção do povo no cumprimento necessariamente incompleto da profecia sobre a Terra e a presente distância daquele futuro cumprimento pós-histórico, ele adota inquestionavelmente a linguagem do amilenismo calvinista moderno. Ele se focou sobre os relacionamentos pessoais da Igreja e da família, e não na possibilidade real de transformar os aspectos sociais e culturais de uma civilização caída. Isso também é algo básico no amilenismo calvinista.

Em seus comentários sobre Mateus 24:37, ele comparou o mundo da era do retorno de Cristo aos dias de Noé e Sodoma. “Visto que indiferença desse tipo existirá no tempo do último dia, os crentes não deveriam ceder ao

¹⁴ Calvin, *Commentaries on the Twelve Minor Prophets* (Grand Rapids, Michigan: Baker Book House, [1557] 1979), III, p. 265: Micah 4:3.

¹⁵ Calvin, *Commentary on the Book of the Prophet Isaiah* (Grand Rapids, Michigan: Baker Book House, [1550] 1979), I, p. 102.

exemplo da multidão.”¹⁶ Ele não ligou essa profecia aos últimos dias do Israel do Antigo Pacto, mas aos últimos dias do mundo. Assim, sabemos que haverá escarnecedores e pouca fé.

O Otimismo de Calvino

Mas considere sua interpretação de 1 Coríntios 15:27: “Porque todas as coisas sujeitou debaixo de seus pés. Mas, quando diz que todas as coisas lhe estão sujeitas, claro está que se excetua aquele que lhe sujeitou todas as coisas”. Calvino escreveu:

Paulo apresenta dois pontos: *primeiro*, que todas as coisas devem estar em sujeição a Cristo, antes que ele devolva ao Pai sua soberania sobre o mundo; e segundo, que o Pai passou tudo às mãos do Filho, para conservar a principal autoridade em suas próprias mãos. Segue-se do *primeiro* ponto que a hora do juízo final ainda não chegou; e do segundo, que Cristo é agora o Mediador entre nós e o Pai, a fim de nos conduzir a ele no final. E assim Paulo prossegue imediatamente em direção à conclusão de que “depois de todas as coisas estarem sujeitas ao Filho, o próprio Filho se sujeitará ao Pai” (v. 28). É como se dissesse: “Aguardemos tranqüilamente até Cristo ser vitorioso sobre todos os seus inimigos e trazer-nos, juntamente com ele, sob a soberania de Deus, para que o reino de Deus seja conduzido a se plenificar em nós.”¹⁷

Calvino era um otimista com respeito ao sucesso do Cristianismo a longo termo na história.¹⁸ Nesse sentido, os Puritanos do século dezessete foram fiéis ao legado de Calvino; e assim foram os pós-milenistas do Seminário de Princeton no século dezenove. Os calvinistas amilenistas de hoje abandonaram essa herança pós-milenista em nome de Calvino, mas sem a documentação a partir dos seus escritos. Eles ensinam e pregam como se fossem herdeiros fiéis de Calvino sobre a questão do milenarismo, mas não o são. É muito mais fácil provar que Calvino não era teonomista,¹⁹ do que provar que ele não era um otimista com respeito ao futuro do Cristianismo sobre a Terra.

Dialetismo?

É possível sugerir, e isso tem sido feito, uma relação dialética entre a visão de Calvino do presente mundo e o mundo pós-ressurreição. Essa é a

¹⁶ Calvin, *Harmony of Evangelists*, III, p. 156.

¹⁷ Calvin, *Commentary on the Epistle of Paul the Apostle to the Corinthians* (Grand Rapids, Michigan: Baker Book House, [1546] 1979), II, p. 31.

¹⁸ James B. Jordan, “*Calvin's Incipient Postmillennialism*,” *Counsel of Chalcedon* (March 1981), pp. 4-7.

¹⁹ http://www.monergismo.com/textos/lei_evangelho/o-que-teonomia_gary.pdf

interpretação padrão das visões milenaristas dentro da escola amilenista. O teólogo barthiano Heinrich Quistorp escreve a respeito da visão de Calvino sobre a esperança: “O que é prometido à fé, é apropriadamente a contradição de tudo o que é visível; a justiça onde há pecado; a vida eterna no lugar da morte; a ressurreição no lugar da extinção; a bem-aventurança onde há dor; a abundância onde há fome e sede; a ajuda divina onde há clamor indefeso. Em face dessas contradições entre a palavra divina e a realidade, a fé subsiste somente através da esperança que confia na palavra da promessa, mais do que na realidade do mundo e de nós mesmos.”²⁰ Essa dialética barthiana – Bíblia vs. História – é refletida em declarações bem similares por teólogos amilenistas calvinistas.²¹

A questão é: Qual era a visão de Calvino sobre a santificação progressiva na história? Ele a via como se aplicando a instituições, bem como a indivíduos? Ele via o crescimento na história da influência cultural do evangelho? Ele não abordou essas questões diretamente, o que cria problemas para o historiador. Mas deveria ficar claro a partir das passagens citadas que Calvino cria que a influência do evangelho expandiria ao longo do tempo.

Conclusão

Porque Calvino cria no Cristianismo, assim como todos os seus contemporâneos cristãos, ele não se entregou diretamente às implicações de suas visões milenaristas. Ele assumiu que haveria uma relação estreita entre a conversão individual e as conseqüências sociais. Resumindo, ele não era um pietista evangélico moderno. Ele certamente não tomou a posição de seus seguidores amilenistas modernos, a saber, que o reino eterno e o reino histórico estão em relação dialética um com o outro, isto é, que o reino eterno de Deus abrangerá tudo, mas o reino histórico exclui a cultura em geral e o governo civil especificamente.

A confissão milenarista de Calvino não é a confissão milenarista do Seminário de Westminster. Portanto, o Seminário de Westminster não poderia contratar Bahnsen e teria que queimar Shepherd.

Fonte: Apêndice D do excelente livro *Westminster's Confession: The Abandonment of Van Til's Legacy*, Gary North, (Institute for Christian Economics, 1991), p. 349-356.

²⁰ Heinrich Quistorp, *Calvin's Doctrine of the Last Things* (Richmond, Virginia: Knox, 1955), pp. 19-20.

²¹ North, *Millennialism and Social Theory*, cap. 5.